

Ano 8 nº 84 fevereiro/2016

Panorama Leite



Intelactus

Plataforma de
Inteligência Estratégica e
Competitiva do Leite

Embrapa

Embrapa Gado de Leite

Rua Eugênio do Nascimento, 610 – Bairro Dom Bosco
36038-330 Juiz de Fora/MG
Telefone: (32) 3311-7405
SAC: (32) 3311-7494
Fax: (32) 3311-7401
www.embrapa.br/fale-conosco/sac
<http://www.embrapa.br/gado-de-leite>

Coordenação geral

Rosangela Zoccal

Equipe técnica – Pesquisadores e Analistas da Embrapa

Alziro Vasconcelos Carneiro, Médico Veterinário, D.Sc.
Glaucio Rodrigues Carvalho, Economista, PhD.
João César de Resende, Engenheiro Agrônomo, D.Sc.
José Luiz Bellini Leite, Engenheiro Civil, PhD.
Kennya Beatriz Siqueira, Engenheira de Alimentos, D.Sc.
Lorildo Aldo Stock, Engenheiro Agrônomo, PhD.
Manuela Sampaio Lana, Administradora.
Paulo do Carmo Martins, Economista, D.Sc.
Rosangela Zoccal, Zootecnista, M.Sc.
Samuel José de Magalhães Oliveira, Engenheiro Agrônomo, D.Sc.
Vanessa da Fonseca Pereira, Administradora, D.Sc.

Ficha técnica

Supervisão editorial: Rosangela Zoccal e Vanessa da Fonseca Pereira
Revisão linguística: Emili Barcellos Martins Santos
Normalização bibliográfica: Inês Maria Rodrigues
Capa: Adriana Barros Guimarães
Colaboração: Victor Muiños Barroso Lima

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610)

CIP-Brasil. Catalogação-na-publicação.
Embrapa Gado de Leite

Panorama do Leite – Ano 6, n. 65 (abr/2012) - . – Juiz de Fora : Embrapa Gado de Leite, 2012 - .

Boletim eletrônico mensal.

Coordenação: Rosangela Zoccal.

1. Leite e Derivados. 2. Conjuntura. 3. Custo de produção. I. Zoccal, R.

CDD 338.1

© Embrapa 2016

Sumário

1. Conjuntura do setor lácteo	4
2. Cenário continua adverso para a produção de leite	5
3. Pastejo rotacionado	8
4. Custos do leite no Brasil frente à crise de 2015	10

Assistimos neste começo de ano à consolidação de tendências negativas iniciadas nos últimos anos: queda da atividade industrial, aumento do desemprego e redução dos rendimentos, aumento dos custos de produção e, naturalmente, do custo de vida. Para o produtor de leite, além de aumento de custos (Figura 1) e redução de demanda, pesa profundamente a incerteza quanto ao futuro.

No lado da oferta, a queda na margem sugere retração, tanto via redução do volume de cada produtor, como por meio da saída de produtores do setor. Tem sido frequente nos últimos meses o relato de produtores deixando a atividade, aproveitando o bom momento de descarte de animais para o mercado de corte. Pelo lado da demanda, os novos patamares de desemprego mais alto e renda mais baixa têm prejudicado as vendas. A

grande questão determinante dos preços é saber qual dessas duas forças do mercado será dominante.

O novo contexto destaca a necessidade de ajustes estruturais no setor e uma gestão mais criteriosa ao longo da cadeia de suprimentos. Ganhos de eficiência, de escala e de qualidade podem compensar o aumento dos custos, além de abrir portas para novos mercados.

O cenário, apesar de preocupante e incerto, pode ser a oportunidade para que o setor mostre sua força. Ao mesmo tempo que há produtores buscando outras atividades, existem aqueles que investem em mais tecnologia em busca de permanecer e crescer nos momentos mais adversos. Para o setor, portanto, é possível que as incertezas de hoje se transformem, amanhã, em mais eficiência e qualidade.

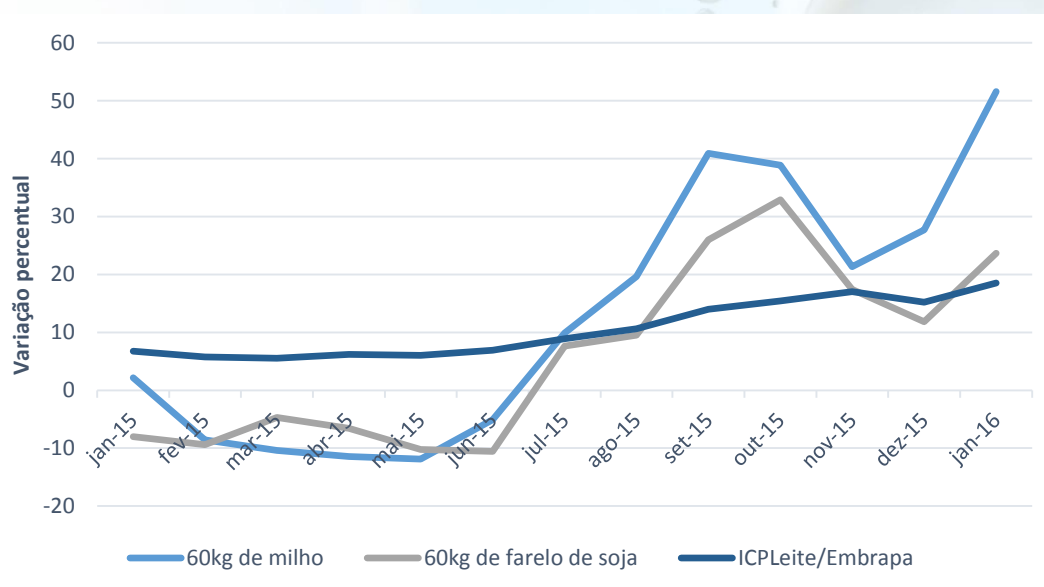


Figura 1. Variação percentual dos preços de milho e soja e do Índice de Custo de Produção do leite em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Fonte: Cepea/Esalq; Seab-PR/Deral; Embrapa Gado de Leite. Elaboração: Intelactus/Embrapa Gado de Leite (2016).

Cenário continua adverso para a produção de leite

Glauco Rodrigues Carvalho
Pesquisador da Embrapa

Vicente José Ferreira da Costa
Estudante de economia da UFJF e bolsista na Embrapa

A produção de leite tem crescido continuamente ao longo das últimas décadas, com taxas superiores à do Produto Interno Bruto, mostrando que o desempenho histórico do setor tem superado a média da economia brasileira. O cenário econômico atual, no entanto, tem imposto desafios gerenciais ao setor produtivo. Assim como 2015, 2016 deverá ser um ano de oferta ajustada, quebrando o círculo virtuoso de crescimento até então vigente. Piora nos preços relativos entre leite e insumos, demanda interna fraca, queda dos preços internacionais e taxa de câmbio volátil são algumas das variáveis econômicas que devem nortear a conjuntura do leite.

Analisando a produção de leite no período de 2004-2014, estimada pelo IBGE na pesquisa trimestral do leite (leite cru adquirido), observa-se um crescimento robusto, de 5,5% ao ano. A Região Sul do país mostrou

vigor acima da média e fez sua participação atingir 35,3% da produção nacional em 2014 ante 24,7% em 2004. Uma característica interessante que chamou a atenção durante esse período foi a robustez apresentada pelo setor brasileiro de leite e derivados. Nesse período ocorreu uma série de fusões e aquisições na indústria de laticínios no Brasil, novos players entraram (e saíram) desse mercado, empresas passaram por recuperação judicial, fraudes mostraram fragilidades na indústria (e na fiscalização), laticínios fecharam, produtores deixaram de receber pelo produto entregue, entre muitos outros acontecimentos marcantes. Todavia, mesmo nestes momentos adversos, a oferta nacional se manteve em expansão, não recuando em nenhum momento (Figura 1).

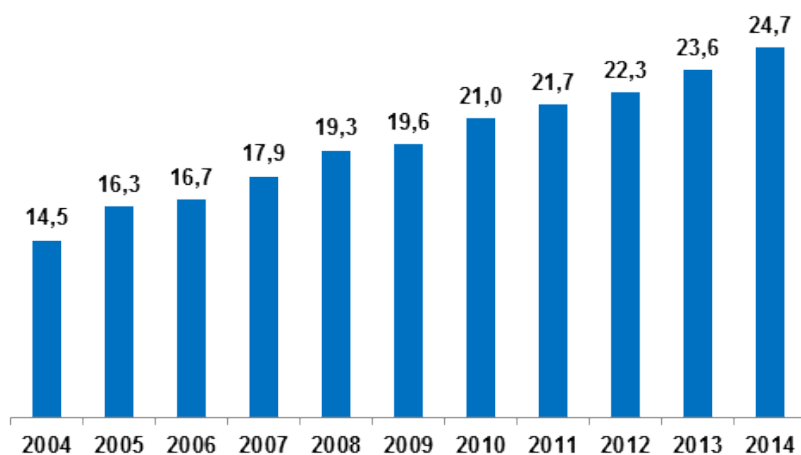


Figura 1. Produção de leite sob inspeção no Brasil.

Fonte: IBGE. Pesquisa Trimestral do Leite.

O cenário atual, no entanto, sugere que a macroeconomia contaminou a micro e a oferta nacional de leite perdeu força. Os dados da pesquisa trimestral do leite indicam que a produção média de janeiro a setembro de 2015 recuou 2,5%. Na realidade, a desaceleração do crescimento da produção começou já

no final de 2014, se acentuando em 2015. A Figura 2 ilustra a desaceleração anualizada da produção, indicando que a produção total entre outubro/14 e setembro/15 ficou abaixo da observada nos 12 meses anteriores (outubro/13 a setembro/14).

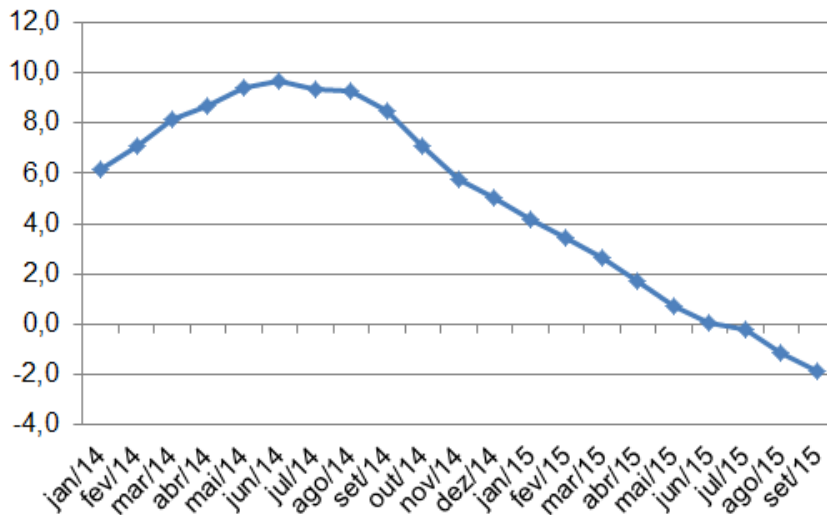


Figura 2. Taxa de crescimento anualizada da produção de leite (em %)

Fonte: IBGE. Pesquisa Trimestral do Leite.

Grande parte dessa desaceleração ocorreu devido à piora na rentabilidade do produtor, conforme pode ser observado na Figura 3. O custo de produção de leite, representado pelo ICPLeite-Embrapa, vem seguindo uma trajetória de alta que se acentuou em 2015 e descolou do preço do leite recebido pelo produtor, reflexo de uma maior dificuldade em repassar preços em período de recessão. Energia, combustíveis, concentrados e sais minerais estão entre os insumos

com maior elevação de preços ao longo do último ano. O índice de relação de troca apresentou tendência de queda no final de 2013, que foi acentuada em meados de 2014, justamente quando a produção começou a perder força. A média anual da relação de troca em 2015 foi a pior da série histórica, cujo início deu-se em 2006 quando o índice de custo de produção começou a ser acompanhado.

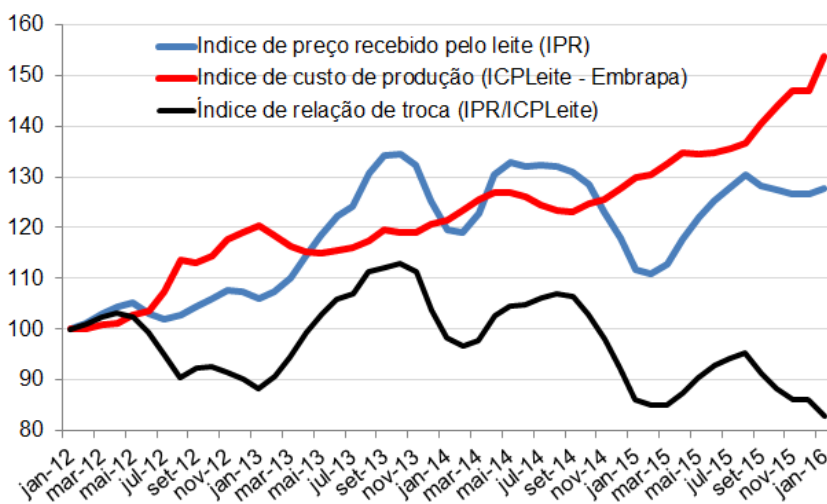


Figura 3. Índice de preço recebido pelo leite e índice de custo de produção (jan/2012=100).

Fonte: Cepea; Embrapa Gado de Leite.

A questão que se apresenta no momento é entender os desafios colocados para os próximos meses e buscar formas de atenuar os momentos mais adversos.

Uma frase oportuna do sociólogo Fernando Henrique Cardoso diz que “na crise, a primeira reação das pessoas é de se recolherem para cuidarem de suas vidas”.

Portanto, é neste contexto que se deve analisar o momento atual do setor lácteo.

Pelo lado da demanda doméstica, todas as informações indicam desaquecimento, sinalizado pela redução de renda dos brasileiros e aumento da inflação, corroendo o poder de compra das famílias. As previsões do boletim focus do Banco Central para 2016 sugerem PIB recuando cerca de 3,0% e inflação ultrapassando o limite superior da meta, de 6,5%. Já no caso da balança comercial, a desvalorização da taxa média de câmbio tende a tornar as exportações mais competitivas, melhorando o saldo comercial. Contudo, vale salientar que a volatilidade da taxa de câmbio merece especial atenção dos diretores financeiros, evitando perdas significativas como as ocorridas em empresas do agronegócio brasileiro como a Sadia e a Aracruz. Durante a crise financeira de 2008, ambas as empresas perderam recursos na casa de bilhões em derivativos cambiais.

Pelo lado da oferta, a evolução da relação de troca não indica melhorias. A mesma desvalorização cambial que favorece a exportação torna os insumos atrelados ao dólar mais caros, incluindo os mercados de grãos e

fertilizantes. Dessa forma, seguir a frase do FHC seria uma boa estratégia. Ou seja, olhar para os problemas internos. É notório e conhecido o baixo nível médio de produtividade do leite brasileiro, o que torna o desafio da rentabilidade e competitividade ainda maior. Acompanhar de perto o desempenho dos animais em lactação é fundamental. O alto custo de reposição na pecuária de corte e os preços favoráveis para o abate abrem a oportunidade de descarte dos animais menos rentáveis (Figura 4). Além disso, o descarte de tais animais reduz gastos operacionais. Outra questão que deve ser observada refere-se à substituição de insumos por outros mais interessantes economicamente. Existe no Brasil, de forma regionalizada, uma ampla opção de insumos substitutos que podem ser usados na dieta dos animais. Essa inclusive é uma das grandes vantagens do Brasil em relação à maioria dos países produtores de leite. Portanto, é o momento de fazer escolhas, de fazer gestão na propriedade, até porque as sinalizações de mercado, sejam domésticas ou internacionais, não são favoráveis.

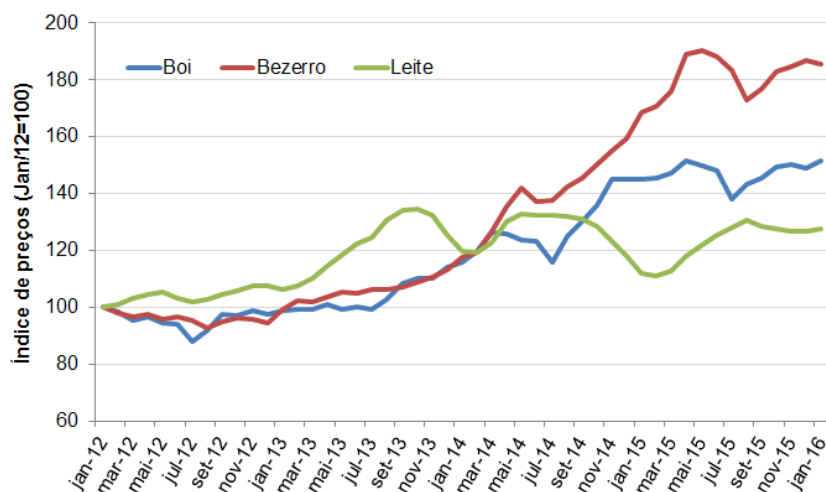


Figura 4. Índice nominal de preços: boi, bezerro e leite (jan/12=100).

Fonte: CEPEA.

Pastejo rotacionado

Carlos Augusto de M. Gomide
Pesquisador da Embrapa

Os dados do Censo Agropecuário de 2006 revelam pequena redução na área de pastagens, passando de 177 milhões de hectares em 1996, para 172 milhões em 2006. Já a área de pastagens cultivadas vem crescendo nos últimos anos, mostrando, de certa forma, uma busca por sistemas mais eficientes de produção a pasto. A intensificação da produção animal a pasto pode trazer grandes benefícios ao produtor, incrementando sua capacidade produtiva. Além disso, é uma estratégia capaz de acomodar a expansão dos cultivos de alimentos, biocombustíveis e fibras sem a necessidade de abertura de novas fronteiras. Dados gerados em Universidades e Centros de Pesquisa - comprovados no campo - mostram que sistemas intensivos de produção a pasto podem ser altamente rentáveis e sustentáveis.

De fato, o manejo intensivo de pastagens deve ser preconizado para aumentar a produção animal por área, buscando aumentar a rentabilidade do produtor. Mas, para isso, além do maior investimento em insumos, é necessário maior tecnificação, representada por aplicação de conhecimentos específicos. No Brasil, é grande o leque de forrageiras que podem ser utilizadas sob manejo intensivo, e, desta forma, é preciso conhecer as características e as exigências de cada espécie ou mesmo de cada cultivar para a exploração racional do sistema de produção a pasto.

O manejo do sistema como um todo envolve práticas de adubação da pastagem, controle da estrutura e do valor nutritivo do pasto, previsão alimentar para o período seco do ano, uso de suplementação volumosa e concentrada, além do manejo do rebanho propriamente dito.

Uma das vantagens do pastejo rotacionado é que, pela intensificação na produção forrageira, torna-se possível aumentar a taxa de lotação da fazenda e/ou liberar áreas para cultivos alternativos e, assim, incrementar a produção de forragem para a época seca,

reduzindo a dependência de insumos externos à propriedade. Entretanto, vale salientar que a simples adoção de um ou outro método de pastejo - contínuo ou rotacionado - não garante incremento na produção de forragem. O crescimento das plantas responde a fatores de crescimento como água, nutrientes, luz, temperatura, etc. O manejo do pastejo é também um fator que interfere no crescimento do pasto e, embora tecnicamente não haja diferença entre os métodos (rotacionado ou contínuo), no pastejo rotacionado se tem, na prática, maior controle das alturas do pasto antes e depois do pastejo. Este controle é fundamental para aumentar a eficiência de colheita da forragem, sobretudo em gramíneas tropicais.

A figura 1 abaixo ilustra duas condições distintas observadas em gramíneas cespitosas conforme o manejo adotado. Na situação A, temos um pasto manejado com resíduo baixo e que se recuperou por um período adequado (em torno de 3 a 4 semanas no verão para pastos adubados). Neste caso, o pasto apresenta alta relação folha-colmo, pouco material morto e boa densidade de folhas verdes. Nesta condição, os animais exercem um pastejo eficiente e uniforme. Já a situação B ilustra uma condição em que, por erro no manejo (resíduo alto e/ou longo período de descanso), houve o alongamento dos colmos e acúmulo de folhas mortas. Neste caso, a eficiência do pastejo fica comprometida, restando muitas folhas não consumidas, além da ocorrência de colmos que, para serem eliminados, necessitam de roçagem, prática que encarece o manejo da pastagem. Além disso, pastagens de gramíneas de crescimento ereto (cespitosas) apresentam alta perda de forragem por tombamento quando submetidas ao pastejo num porte alto. Assim, deve-se buscar, por meio do manejo, controlar a estrutura do pasto, evitando o alongamento dos colmos e o acúmulo de forragem morta.

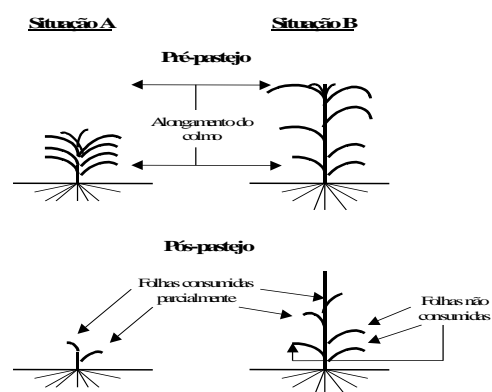


Figura 1. Efeito do alongamento do colmo sobre a eficiência de pastejo em gramíneas cespitosas

Duas questões principais no pastejo rotacionado são as definições dos períodos de descanso e de ocupação dos piquetes. Em outras palavras, quando entrar com os animais no piquete e quando retirá-los? A definição

destes prazos, além de influenciar as características do pasto, como mostrado anteriormente, afeta o número de piquetes a serem utilizados, uma vez que este é calculado pela fórmula abaixo:

$$NP = PD/PO + X, \text{ onde:}$$

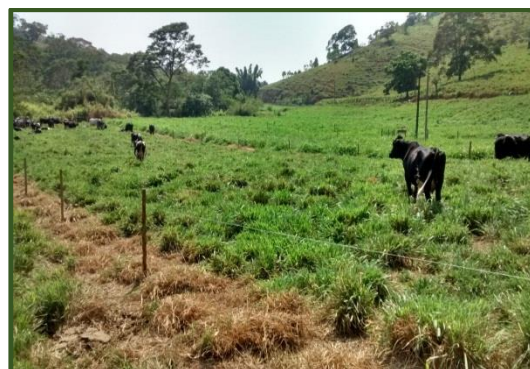
NP = Número de piquetes; PD = Período de descanso; PO = Período de ocupação; e X = grupos de animais em pastejo

Da equação acima se percebe o efeito da variação de seus componentes no número de piquetes a serem adotados e, conseqüentemente, nos gastos que serão realizados. Desta forma, quando se aumenta o PO para um determinado PD, se consegue reduzir o número de piquetes, da mesma forma que a diminuição do PD num dado PO também reduz o número de piquetes necessários. É importante lembrar que o período de descanso é variável e depende, entre outras coisas, das condições climáticas, do nível de fertilidade e da espécie forrageira utilizada.

Longos períodos de ocupação (acima de cinco dias) podem resultar em pastejos desuniformes. Como no verão as gramíneas tropicais apresentam alta taxa de crescimento, uma planta pastejada pode, após poucos dias, apresentar novas folhas que terão a preferência dos animais que tenderão a repetir o pastejo nestas áreas. Este processo leva ao esgotamento das plantas e pode gerar áreas superpastejadas, enquanto parte do piquete

não é utilizado adequadamente, tornando-se envelhecido, com acúmulo de colmos e folhas mortas. Além disso, os animais tendem a se concentrar numa mesma área para descanso durante o período de ocupação, o que prejudica a recuperação. Assim, deve-se buscar uma combinação entre PD e PO a fim de se conciliar a uniformidade do pastejo e números de piquetes necessários.

Considerando, por exemplo, período de ocupação de três dias e o período de descanso de 36 dias teremos, para o pastejo de um lote de animais, a necessidade de 13 piquetes. No entanto, se conseguirmos, com prática de adubação e/ou irrigação, reduzir o período de descanso para 24 dias, o número de piquetes reduz para nove. Se imaginarmos piquetes de 1 hectare, é possível liberar, apenas com o manejo, quatro hectares da propriedade para outros usos, inclusive o cultivo de milho ou sorgo para silagem ou mesmo de cana-de-açúcar para uso na época seca do ano.



Fotos. Vista do piquete de capim-tanzânia em condição de pré-pastejo (1) e ao final do período de ocupação (2).

Este aumento na produção por área, refletido no aumento da taxa de lotação (número de vacas/hectare) é, muitas vezes, a saída para que pequenos produtores tenham uma produção diária de leite capaz de tornar viável seu sustento na atividade. Esta também é uma

estratégia buscada por produtores que têm restrição de áreas mais nobres na propriedade (em termos de relevo, fertilidade etc). Identificadas essas áreas, elas podem, através do pastejo rotacionado, ajudar no planejamento forrageiro da propriedade.

Custos de leite no Brasil frente à crise de 2015

Lorildo A. Stock
Analista da Embrapa

Em razão de descompassos entre a oferta e a demanda mundiais por lácteos, o setor enfrentou, em 2015, a sua terceira crise em um período de nove anos. Segundo o indicador IFCN (International Farm Comparison Network) de preço ao produtor (Figura 1), entre 2006 e 2015, a média de preços no mercado global

foi de US\$ 40/100 kg de leite. A Figura 1 também mostra que as duas maiores crises ocorreram em 2009 e em 2015, com média de preços abaixo dos 30 Dólares/100 kg. Ambas aconteceram após dois anos de preços acima da média histórica de US\$ 40/100 kg de leite.

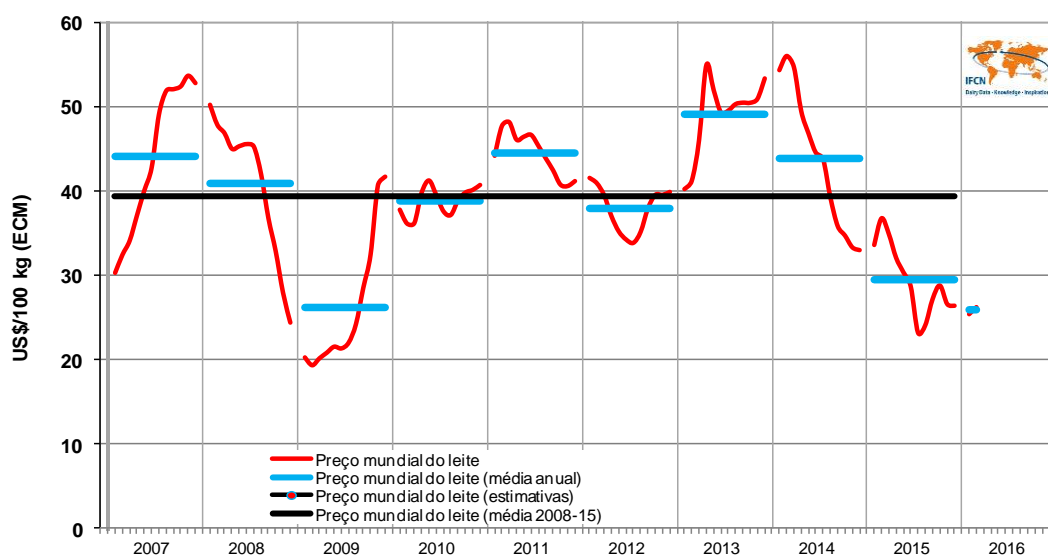


Figura 1. Evolução do indicador IFCN de preços do leite ao produtor no mercado global. Em US\$/100 kg de leite (ECM).

Fonte: Elaborado com base em dados do IFCN (2016).

Em 2013 e 2014, os produtores de leite da maioria dos países tiveram o benefício das condições econômicas do mercado, com bons preços, tanto para a venda do leite quanto para a aquisição do alimento concentrado. A situação favorável do referido biênio provocou aumento da produção de uma maneira geral no mundo. Em consequência, a diminuição de preços ao produtor em 2015 é considerada pelos especialistas como mais severa do que a crise de 2009.

A redução do preço internacional indica diminuição da rentabilidade na produção de leite para 2015.

Particularmente em países onde o preço do leite local segue mais de perto o mercado mundial, a crise foi bastante severa.

No caso do Brasil, porém, a crise configura uma situação bastante particular: os níveis de preço do leite têm se mantido historicamente acima do indicador de preço mundial do IFCN (Figura 2). Assim, nos últimos anos, os preços ao produtor no Brasil têm sido iguais ou maiores que aqueles dos Estados Unidos e de muitos países da União Europeia.

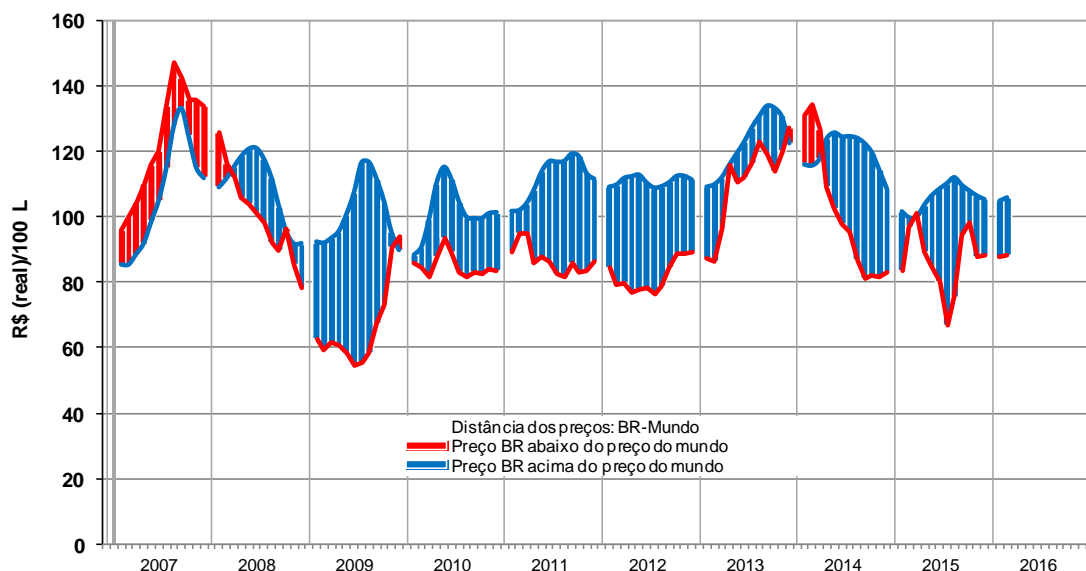


Figura 2. Evolução do indicador IFCN de preços do leite ao produtor no mercado global. Em US\$/100 kg de leite (ECM).

Fonte: Elaborado com base em dados do IFCN (2016).

Todavia, a perda por parte do produtor brasileiro nos anos recentes é significativa. A Tabela 1 consolida o levantamento de custos de produção de sistemas típicos nos principais estados produtores do Brasil, entre 2014 e 2015. Observa-se que houve redução de 4% no preço ao produtor e, ainda, aumento de 9% nos custos operacionais de produção, em termos nominais. A

receita com venda de animais aumentou 5%, em função da elevação do preço da arroba do boi. Desse modo, a receita total teve redução de 3%.

Da combinação entre a queda da receita total e o aumento dos custos operacionais, tem-se perda nominal de 12%, para a produção de 100 litros de leite.

Tabela 1. Estimativas de mudanças nos custos de produção de leite de sistemas típicos de produção entre 2014 e 2015 no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais

Indicador	Fazenda* (2015)			Diferença (%) / 2014		
	RS-12(23)	MG-12(180)	MG-13(320)	RS-12(23)	MG-12(180)	MG-13(320)
Preço bruto	96	106	111	-4%	-4%	-4%
Outras rendas	2	6	6	5%	5%	5%
Renda total (RT)	98	112	117	-3%	-3%	-3%
Custo operac. total (COT)	96	104	90	9%	9%	9%
Depreciações	17	16	14	5%	9%	9%
Custo oper. efetivo (COE)	79	89	76	10%	9%	9%
Mão de obra total	19	18	11	7%	7%	7%
Alimentação concentrada	22	36	36	8%	8%	8%
Alimentação volumosa	9	15	11	12%	13%	13%
Manutenção pastagens	6	8	7	9%	9%	9%
Inseminação artificial	1	1	1	11%	10%	10%
Sanidade	4	3	3	9%	9%	9%
Manutenção (inst+maq+eq)	2	1	0	2%	3%	3%
Outras despesas	7	5	4	25%	21%	19%
Comercialização	9	2	3	8%		

Fonte: Fonte: Dados de levantamentos de campo da Embrapa Gado de Leite (2016).

* Referente à média dos anos sobre a atividade leiteira. Os valores referem-se a R\$ por 100 Litros. Os números apresentados logo após a sigla do estado representam litros/total de vacas/dia e, entre parênteses, total de vacas.